

Seda pura

Toda velha errante tem uma esperta de tocaia.

Seguida pelo olharzinho apaixonado dos abutres, ela bóia com os destroços, mas sabemos que está prestes a afundar. Apóia-se na alça de seu olhar meigo e viscoso: esconde debaixo das pregas sua fome, seu ardor, a violência da velhice.

Lá fora tem trepadeiras bravas e canela madura, enquanto dentro da velha, ah.

Nas fitas e entremeios da velha tudo é umbigo (velha, eu te amo) e o poço do corpo finalmente destampando — o anel no dedo inchado de reumatismo infeccioso e as manchinhas cor de café-com-leite salpicadas.

Velha é o botão de roupa que está faltando.

Você demonstra sua impaciência — como é interesseira! — no espelho da velha: quer a qualquer preço sua herança de ouro e os ovos gordos da vida devassada. Por isso é difícil ver que o discurso da velha é sempre de vanguarda: os pedaços arcaicos do casarão bóiam nos vestidos brancos do futuro.

Toda velha é uma tocha. Toda velha é de terra e cota de malha. Os peitinhos da velha são água que passarinho não bebe. Porque os lábios (grandes e pequenos) dela respiram ininterruptamente, no choco.

Faz capotinhos, sapatinhos para os netinhos, mas por dentro a velha galopa. É uma ébria inveterada. Não é só o escritor, como afirmou Clarice, mas se há pessoas que costuram para fora, toda velha costura para dentro. Toda velha exerce o seu sim. Do lado de lá da terceira margem do rio, a velha (querida) já voou. Já afundou na boca movediça da terra.

O ardor da velha é a namoradinha agarrada pelo namorado no banco de trás do automóvel — puro ardor místico.

Escrever sobre a velha, você tem de

abrir a porta e deixar a chuva e seus detritos entrarem até o colo do útero.

Se você não interrompe a velha, ela não termina nunca. Velha é orgulhosa demais para morrer, embora só morra de propósito e me deixe no escuro do corredor, sozinha.

Toda velha devia se chamar Excalibur. Mesmo as mendigas, as cuspidas e as estropiadas de guerra.

A velha não dormita, viaja: diariamente toma sua overdose de pornografia. É uma máquina de patinhas obscenas. Na opereta do amor, a velha é um ponto que berra sem cessar. Mesmo assim todo o mundo erra as deixas.

Como a galinha, a velha tem muita vida interior. O rosto é riscado no vento do tempo, mas o olho dobrado é o espelho do rosto.

Toda velha pode ser dente de ouro (bem na frente), flor de papel crepom em castiçal, carapinha, criancinha, ave que se coça na frente de todo o mundo, num lugar em que mulher alguma se coça. Se não, não é velha, é moça e boba.

Velha é um cheirinho de barata na iguaria do banquete. Vê a cidade com os olhos do subúrbio. Por isso, a profissão verdadeira da velha é fazer das tripas coração.

Não se engane, contudo: esta seda pura (pele plissada, entremeio, renda fria e sianinha de cabelo) veste uma boneca de louça. Virando de cabeça para baixo, ela diz: mamãe!

De susto, você pode abrir a mão e derrubar a velha. Não tem a menor importância. Toda velha é uma desdenhosa de nascença. Deixou a memória de seu rosto quebrado, já se foi embora há muito tempo.

Vilma Arêas é contista e crítica literária. No momento, preparando um livro sobre Clarice Lispector.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 12, p. 66, jun. 85